

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA  
DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL  
UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS/BAURU  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



**PRÁTICAS EDUCATIVAS: ADAPTAÇÕES  
CURRICULARES**

BAURU/2008

Presidente da República  
**Luiz Inácio Lula da Silva**

Vice- Presidente  
**José Alencar Gomes da Silva**

Ministro de Estado da Educação  
**Fernando Haddad**

Secretária da Educação Especial  
**Claudia Pereira Dutra**

Reitor da Universidade Estadual Paulista – “Júlio De Mesquita Filho”  
**Marcos Macari**

**Vice-reitor**  
**Herman Jacobus Cornelis Voorwald**

Diretor da Faculdade de Ciências  
**Henrique Luiz Monteiro**

Vice- Diretor  
**João Pedro Albino**

Coordenadora do Curso: “**Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental**”.  
**Vera Lúcia Messias Fialho Capellini**

**DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO**  
**UNESP - Campus de Bauru**

371.9 L554p	Leite, Lúcia Pereira. Práticas educativas: adaptações curriculares / Lúcia Pereira Leite, Aline Maira da Silva In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). - Bauru : MEC/FC/SEE, 2008. 12 v. : il.  ISBN  1. Educação inclusiva. 2. Adaptações curriculares. 3. Prática de ensino. 4. Deficiência mental. I. Leite, Lúcia Pereira. II. Aline Maira da Silva. III. Capellini, Vera Lúcia Messias Fialho. III. Título.
----------------	--

## **Prezado professor ou profissional das áreas afins**

Este caderno é parte do material didático, produzido por uma equipe de especialistas em Educação Especial, para subsidiar o desenvolvimento do curso de aperfeiçoamento em “**Práticas em Educação Especial e Inclusiva na área da Deficiência Mental**”. Esse material objetiva a veiculação de informações sobre a educação da pessoa com deficiência mental e seus desdobramentos para a inclusão social desta população.

Os cadernos que compõem o material didático são:

1. Educação a distância: desafios atuais.
2. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente.
3. Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão.
4. Ética profissional: (re) pensando conceitos e práticas.
5. Informática aplicada à educação especial.
6. Família-escola: discutindo finalidades, rupturas e desafios no processo educativo.
7. Sexualidade infantil e orientação sexual na escola.
8. Repensando a avaliação.
9. Práticas educativas: ensino colaborativo.
10. Práticas educativas: adaptações curriculares.
11. Práticas educativas: manejo comportamental e comportamentos pró-sociais.
12. Práticas educativas: criatividade, ludicidade e jogos.

No curso, serão trabalhados temas gerais visando a possibilitar o acesso às informações sobre as causas da deficiência mental, aspectos conceituais, históricos e legais da educação especial, além de conteúdos específicos para auxiliar a sua prática pedagógica voltada para a diversidade, de maneira que, se necessário, você utilize adequações curriculares para garantir o aprendizado de todos os alunos.

Esperamos que este material possa contribuir a todos os profissionais que participam da construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária para todos.

Bom trabalho!

Vera Lúcia Messias Fialho Capellini

Coordenadora do Curso

## Sumário

Apresentação	3
Unidade I: A Educação Inclusiva: o movimento para reorganização da Escola	4
Unidade II: A flexibilização do ensino	6
Unidade III: Proposta de Adaptação Curricular	13
Unidade IV: Considerações sobre o processo educacional do aluno com deficiência mental	22
Referências	27

## Apresentação



Oi Pessoal...

Neste caderno nós vamos falar de um tema muito discutido hoje em dia, a partir da implementação da Educação Inclusiva na nossa realidade educacional, que é a questão das Adequações Curriculares.

Para isso, nós vamos começar apresentando a definição de adequações curriculares, falar do amparo legal que a sustenta, da sua aplicabilidade na sala de aula e na Escola, dos profissionais envolvidos e dos cuidados para a sua elaboração.

Pretendemos com este caderno que você, professor, consiga ampliar os conhecimentos que tem sobre esta temática, para que possa realmente flexibilizar o seu modo de ensinar para atender as peculiaridades do seu aluno, em particular o aluno com deficiência mental.

Para auxiliar o nosso debate teremos o auxílio do “Sra. Adapta” sempre mostrando o tipo de atividade que será colocada neste caderno e compartilhando informações com você.

A imagem da “**Sra. Adapta**” esta disponível em <http://www.plenarinho.gov.br/noticias/reportagem-especial/dia-internacional-da-sindrome-de-down>

O caminho é esse... Bom, vamos ao trabalho!!!



<http://www.europarl.europa.eu>

## Unidade I: A Educação Inclusiva: o movimento para reorganização da Escola

Para iniciar o debate apresentaremos considerações sobre a inclusão escolar, evidenciando o momento histórico e político em que ela ocorre. Com isso pretendemos relatar a importância da flexibilização do ensino, principalmente nas práticas pedagógicas para a promoção da Educação Inclusiva, na nossa realidade escolar.



**Vamos lá então!!!!**

A inclusão escolar está inserida em um movimento mundial denominado inclusão social que tem como objetivo efetivar a equiparação de oportunidade para todos, inclusive para os indivíduos que, devido às condições econômicas, culturais, raciais, físicas ou intelectuais, foram excluídos da sociedade. Para tanto, tal movimento pressupõe a construção de uma sociedade democrática, na qual todos possam exercer a sua cidadania e na qual exista respeito à diversidade.

Tendo o Brasil reconhecido e feito uma opção política formal pela universalização de um ensino que efetivamente disponibilize, a todos, o acesso ao conhecimento historicamente produzido e sistematizado pela humanidade e, que favoreça as condições necessárias para a aprendizagem do exercício da cidadania, há que se investir em maneiras de implementar a educação inclusiva no interior das nossas escolas.

Aranha (apud Pietro 2003) ao discorrer sobre inclusão escolar, relata que para que esta ocorra é necessário um rearranjo no sistema educacional, pois “prevê *intervenções decisivas e incisivas, em ambos os lados da equação: no processo de desenvolvimento do sujeito e no processo de reajuste da realidade social [...]*”. Assim, “*além de se investir no processo de desenvolvimento do indivíduo, busca-se a criação imediata de condições que garantam o acesso e a participação da pessoa na vida comunitária, através da provisão de suportes físicos, psicológicos, sociais e instrumentais.*” (Grifos da autora).

De acordo com Correia (1999) a Educação Inclusiva relaciona-se com a noção de escola enquanto um espaço educativo aberto, diversificado e individualizado, em que cada criança possa encontrar resposta à sua individualidade e diferença.

Complementar a esse posicionamento Mantoan (2001) coloca que a educação inclusiva não se refere apenas à inserção do aluno com deficiência no ensino comum. É um conceito amplo que inclui o respeito às diferenças: individuais, culturais, sociais, raciais, religiosas, políticas e que entende o indivíduo como ser pleno e com talentos a serem desenvolvidos que, segundo a autora, compete à escola comum.

Para outros autores como Góes e Laplane (2004) a inclusão educacional ainda se resume, equivocadamente, na inserção dos alunos com deficiência nos bancos escolares, com falta de adoção uma proposta de ensino flexibilizado e heterogêneo.

O processo, para que o sistema educacional atue de modo a promover os ajustes necessários para atender a todo e qualquer aluno é lento e custoso, uma vez que é importante o envolvimento de toda a comunidade escolar e o entendimento sobre os pressupostos teóricos que norteiam a Educação Inclusiva. É sobre essas considerações que iremos discutir neste texto.

## Unidade II: A flexibilização do ensino

A inclusão de alunos com deficiência, que apresentam necessidades educacionais especiais<sup>1</sup> na sala de aula comum do ensino regular, evidenciou que a prática pedagógica tradicional, baseada apenas na transmissão de conhecimento, é ineficaz para ensinar grande parte dos alunos.

De acordo com Blanco (2004), a escola, tradicionalmente, focalizou sua atenção em satisfazer necessidades comuns, delineando objetivos sem considerar as características específicas de cada aluno.

Essa postura tradicional, no âmbito curricular, é demonstrada por propostas rígidas e homogeneizadoras, que desconsideram os diversos contextos nos quais ocorrem os processos de ensino e aprendizagem. Como consequência, é possível observar a alta ocorrência de dificuldades de aprendizagem, repetências, absenteísmo e fracasso escolar (BLANCO, 2004).

O movimento de inclusão escolar revelou que a educação, com seus métodos tradicionais, exclui cada vez mais alunos, ao invés de incluí-los (FREITAS, 2006). Dessa forma, foi evidenciado que considerar as especificidades de cada aluno é fundamental para garantir a qualidade de ensino para todos os alunos, e não apenas para aqueles que apresentam dificuldades mais evidentes.

Lembramos que todos os alunos apresentam características físicas, comportamentais e emocionais próprias, sendo que devido à existência de tais características, uma prática de ensino voltada para um conjunto homogêneo de alunos não alcança êxito.

**Assim, o professor tem que conhecer o processo de aprendizagem dos alunos, entender como cada um aprende os conhecimentos historicamente acumulados apresentados no espaço escolar.**

Segundo Perrenoud (2001), grande parte das estratégias de ensino utilizadas pelo professor deve ser adaptada às características dos alunos, à composição da classe e a história das relações entre os educandos e entre eles e o professor.

Em vista disso, fica clara a importância da realização de adaptações curriculares para a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais, principalmente para aqueles que apresentam deficiência mental.

No nosso país a necessidade de desenvolver um currículo que garanta não apenas o acesso, mas também a permanência na escola regular e o sucesso do aluno com deficiência estão expressos no documento denominado *Parâmetros*

---

<sup>1</sup> Neste texto adota-se a terminologia necessidades educacionais especiais (NEE's) para os alunos que apresentarem, durante o seu processo educacional: [...] dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (Brasil, 2001, p. 02).

*Curriculares Nacionais – PCN Adaptações Curriculares em ação*, elaborado pela Secretaria de Educação Especial, do Ministério da Educação, publicado originalmente em 1999 e reeditado em 2002.

Segundo este documento, as adaptações curriculares devem ser entendidas como um processo a ser realizado em três níveis:

- no projeto político pedagógico da escola, por meio do qual é possível identificar e analisar as dificuldades enfrentadas pela escola assim como estabelecer objetivos e metas comuns aos gestores, professores, funcionários da escola, familiares e alunos;
- no currículo desenvolvido em sala de aula;
- no nível individual, por meio da elaboração e implementação do Programa Educacional Individualizado (PEI).

Na proposta educacional inclusiva o currículo deve ser pautado também da idéia da diferença e não é o aluno que se ajusta, se adapta as condições de ensino, mas a leitura do movimento da inclusão educacional é justamente contrária, é a equipe escolar que tem que prover as mudanças necessárias para que o aluno consiga acessar o currículo (Aranha, 2003)

### **O conceito de adaptações curriculares**



**Mas afinal, o que são adaptações curriculares?**

Os princípios contidos na LDB 9394/1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação) e no Plano Nacional de Educação determinam que a escola se mobilize para estruturar um conjunto de ações e providenciar recursos necessários que garantam o acesso e a permanência de todos os alunos, promovendo um ensino que respeite as especificidades da aprendizagem de cada um.

A pedagogia inclusiva já é uma realidade em diferentes cidades do Brasil, particularmente no estado de São Paulo, a partir da opção da descentralização do ensino, assumida na Constituição de 1988. Com a municipalização do ensino, as diretorias e secretarias Municipais de Educação vêm tentando adequar-se às Novas Diretrizes da Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001).

No Brasil, este tópico é abordado legalmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares, conforme anunciado anteriormente. No documento brasileiro as adaptações curriculares são definidas como:

[...] possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas

circunstâncias, as adaptações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aluno (p.33).

A terminologia adaptação, pode ser interpretada como flexibilização, uma vez que pressupõe a existência de alterações e/ou modificações no processo educacional, essencialmente no âmbito curricular. Para isso o currículo escolar deve ser tomado como referência na identificação de possíveis alterações em função de necessidades especiais dos alunos. Em síntese, a unidade escolar deve adotar a mesma proposta curricular para *todos* os alunos, e, havendo necessidade, realizar adaptações, alterações. Cabe a equipe técnico-pedagógica, incluindo o professor da sala comum, realizar o mapeamento das particularidades educacionais da demanda educacional que necessita de ajustes no currículo e propor o manejo das condições adequadas para que isso ocorra.

Ao relatar sobre procedimentos adotados para a efetivação da educação inclusiva, Aranha (2002, p.5) acrescenta que “as Adaptações Curriculares, então, são os ajustes e modificações que devem ser promovidos nas diferentes instâncias curriculares, para responder às necessidades de cada aluno, e assim favorecer as condições que lhe são necessárias para que se efetive o máximo possível de aprendizagem”.



[www.guarapuava.pr.gov.br](http://www.guarapuava.pr.gov.br)

Para realizar a adaptação curricular é necessário que o projeto pedagógico da escola e o planejamento de ensino devem considerar objetivos educacionais e estratégias didático-pedagógicas que garantam acessibilidade de todos os alunos na rede escolar. Construir uma escola inclusiva exigirá esforços de toda a comunidade escolar no âmbito político, administrativo e pedagógico, envolvendo mudanças nos níveis (SASSAKI, 2003):

- arquitetônico (eliminação ou desobstrução de barreiras ambientais);
- atitudinal (prevenção e eliminação de preconceitos, estereótipos, estigmas e quaisquer discriminações);
- comunicacional (adequação de código e sinais);
- metodológico (adequação e flexibilização de técnicas e teorias, abordagens e métodos pedagógicos);

- instrumental (adaptação de aparelhos, materiais, recursos e equipamentos pedagógicos);
- pragmáticos (eliminação de barreiras invisíveis nas políticas e no amparo legal vigente).

Além dos aspectos mencionados, cabe ainda ressaltar a importância de projetos ou propostas que garantam a formação continuada de todos os que trabalham na comunidade escolar.



### Atividade

Agora você deverá ler o texto que se encontra no link abaixo e no item “Leituras” e responder as seguintes questões:

Por que a flexibilização das práticas educacionais beneficia ao aluno com deficiência e aos demais? (essa atividade deverá ser respondida em 10 a 15 linhas)

Não se esqueça de postar sua atividade no Portfólio do Ambiente TelEduc.

### Educar na Diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular (Windyz Brazão Ferreira)

Disponível em

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ensaiospedagogicos2006.pdf> (p. 317-324)



Como identificar a necessidade de um currículo adaptado???????

A intervenção pedagógica numa perspectiva inclusiva deverá considerar que a diversidade está presente em sala de aula e que as diferentes formas de aprender enriquecem o processo educacional. Nela o professor-educador assume grande responsabilidade na superação de barreiras de atitudes discriminatórias em relação às diferenças dentro da escola. No seu estabelecimento maneiras diversificadas de organizar o tempo e o espaço pedagógicos precisam ser previstos para o sucesso escolar, respeitando os estilos e ritmos de aprendizagem e planejando estratégias e recursos utilizados, adequando-os às necessidades dos alunos.

O professor, então, na postura de mediador da construção de conhecimentos, deve se preocupar com quem aprende, como aprende, com o porquê de estar trabalhando determinado conhecimento e, sobretudo, com a reflexão constante sobre o que está sendo discutido, dando abertura para a manifestação dos posicionamentos e idéias, contrárias a sua ou não (LEITE, 2003).

No cotidiano educacional os alunos que, por dificuldades orgânicas, sociais e/ou culturais, apresentarem defasagem significativa em duas ou mais áreas curriculares, por exemplo, português e matemática, além de estarem também defasados em pelo menos dois anos em relação à idade e série, devem ser avaliados pelo professor e possivelmente necessitarão de ajustes no seu currículo (LEITE e MARTINS, 2005).

Então, faz-se importante, primeiramente identificar o que o aluno deveria aprender na série – ou seja, o que é proposto em conteúdos curriculares para a série ou etapa. A partir desse referencial é que deve-se identificar o que o aluno já sabe fazer sozinho, o que ele sabe fazer com ajuda e ele ainda não é capaz de aprender. Para organizar as metodologias favoráveis com o seu ritmo de aprendizagem. Cada caso deve ser analisado em particular, para depois averiguar sobre a necessidade ou não de um currículo adaptado para esse aluno.

A identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência, tanto na Educação Infantil quanto nas primeiras séries do Ensino Fundamental, infelizmente ainda se restringe naquilo em que a criança já sabe fazer sozinha, de modo independente. É muito comum avaliarmos uma criança medindo quais comportamentos ela é capaz realizar sozinha nas mais diversas áreas investigadas. Exemplificando: a criança já consegue pintar dentro de um espaço delimitado previamente? Ou ainda, sobe a escada sozinha? O que se observa nesses exemplos é que o foco do professor/avaliador está somente para averiguar aquilo que a criança já apreendeu e pouco nos mostra sobre aquilo que ela ainda é capaz de aprender.

Desse modo, devemos investigar além das competências ou habilidades que a criança já domina quais ela pode desenvolver. Ainda, pensando numa proposta de um ensino colaborativo, em que um aluno possa contribuir com o aprendizado do outro, é importante saber o que essa criança pode aprender com a ajuda de parceiro mais capaz, como o professor ou aluno.

**Observar toda e qualquer manifestação, comportamento e desempenho do aluno. Eis o segredo pra identificar suas necessidades.**



[www.kidlink.org](http://www.kidlink.org)

Esse pressuposto é anunciado por Vygotsky (1994) quando ele coloca que aquilo que a criança ainda não pode fazer de modo autônomo, muito provavelmente conseguirá realizar de modo conjunto com outro que já tenha desenvolvido tal competência. Essas premissas referem-se ao conceito de **zona de desenvolvimento proximal** (ZDP), entendida como a distância entre o que um indivíduo já consegue realizar sozinho (independente) e o que ainda não tem

capacidade para desenvolver. Nesse espaço se dá o desenvolvimento proximal, aquilo que pode realizar com o outro, de modo colaborativo. Esse autor acreditava o que a criança consegue realizar em pares, no futuro conseguirá fazer com autonomia, de modo independente. A título de exemplificação, durante a tarefa de contar uma história, uma criança de quatro anos ainda pode não conseguir colocar os elementos da narrativa numa seqüência temporal adequada, outra pode fazer essa tarefa sem dificuldades, porém caso a primeira receba o auxílio da segunda conseguirá realizar o proposto.

Entretanto, é importante salientar que para Vygotsky nem toda a atividade conjunta traz aprendizagens aos parceiros, pois isso depende muito de quem está mediando, ou seja, estabelecendo, formando essa parceria. Para que tenha sucesso nesse tipo de realização de tarefa conjunta, os parceiros precisam ser afins e estarem em níveis próximos de desenvolvimento, afinal uma criança de dois anos que ainda não consegue dominar a linguagem oral ao realizar atividade em parceria com outra de quatro anos que já a domina, não conseguirá desenvolver essa capacidade.

A importância de entendermos o conceito de *zona de desenvolvimento proximal* está presente na compreensão do modelo de avaliação formativa, pois seu objetivo é conhecer o processo de aprendizagem da criança, as suas competências, habilidades em desenvolvimento e não somente o conteúdo já aprendido. O educador/avaliador então deverá centrar esforços para possibilitar situações em que possa acompanhar o desempenho do aluno em tarefas conjuntas, com pares que favoreçam a troca de conhecimentos e experiências. Identificando tanto aquilo que a criança já é capaz de fazer sozinha, o que faz com o parceiro e que potencialmente poderá realizar no futuro com autonomia.

### **A identificação das necessidades educacionais dos alunos com deficiência mental**

Particularizando para os alunos que apresentam deficiência mental, o primeiro momento é levantar as necessidades educacionais desses, para depois determinar uma proposta de intervenção, ou seja, quais os objetivos a serem incluídos no planejamento de ensino e quais as adequações necessárias para que tais objetivos sejam alcançados.

No entanto, além de considerar os aspectos que devem ser desenvolvidos, é preciso também essencialmente identificar e considerar as aptidões desse alunado. Para coletar informações sobre necessidades e potencialidades do educando, faz-se necessário a realização de avaliações, como foi relato anteriormente.

Blanco (2004) defende a importância de levantar as possibilidades de aprendizagem dos alunos com deficiência, os fatores favorecedores das mesmas e as necessidades que eles apresentam. A partir de tal conhecimento, é possível ajustar as intervenções e apoios pedagógicos. Segundo a autora,

“[...] conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensas com eles, uma observação constante de seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida. Esse conhecimento é um processo contínuo, que não se esgota no momento inicial de elaborar a programação anual” (p. 296).

Além disso, a avaliação, no contexto escolar, deverá envolver todos os profissionais da escola, que direta ou indiretamente atuam com o aluno, tendo como objetivo o estabelecimento de uma proposta pedagógica e implementação de atividades a serem desenvolvidas, durante o processo de ensino e aprendizagem que estejam em consonância com as necessidades educacionais especiais do aluno com deficiência.

Como com qualquer outro aluno é importante que o professor identifique no cotidiano educacional:

- se ele compreende e participada de todas as atividades propostas em sala de aula;
- se ele apresenta desenvolvimento satisfatório no cumprimento das atividades;
- qual é o ritmo de sua aprendizagem diante dos mais diversos conteúdos curriculares - sua aprendizagem é lenta, normal ou rápida;
- se apresenta motivado para realizar as atividades propostas intra e extra-classe;
- se necessita de recursos adicionais, como auxílio de materiais concretos para resolver o proposto;
- se solicita auxílio do colega ou do professor para as atividades;
- a interação com os colegas dentro e fora de sala de aula;
- a interação do aluno e com professor e com os demais profissionais da escola;
- se consegue se agrupar com os demais alunos em classe e nos outros espaços da escola;
- se é assíduo;
- se necessita de auxílio para vir à escola;
- se cuida dos seus materiais;
- quais são as suas atividades preferidas;
- o que apresenta facilidade para resolver;
- se consegue relatar um fato ocorrido seqüencialmente.

Enfim, são inúmeras as observações a serem feitas para que se possa avaliar o aluno com deficiência mental e propor as adaptações curriculares necessárias para o acesso ao currículo comum. Procurou-se apresentar algumas dicas do que o professor pode analisar no contato diário com este aluno.

**Não esqueçam a temática da avaliação foi detalhadamente trabalhada na Disciplina sobre Avaliação!!!!!!**



### Atividade

1. **Leia o artigo indicado no item “Leitura” ou clicando no link abaixo.**

Artigo: **Inclusão na diversidade: um desafio para os educadores**  
**(Rita de Cácia Santos Souza e Greice Fabiane Santos Silva)** Revista FACED,  
n. 9, p. 239-252, 2005. Disponível em:  
<http://www.revistafaced.ufba.br/viewarticle.php?id=22&layout=abstract>

**Destaque as idéias principais trabalhadas no texto e Comente no “Fórum de Discussão” do ambiente TelEduc, a partir das duas temáticas: O que significa lidar com a diversidade em sala de aula? Como o professor pode ser preparado para lidar com a diversidade?**

- 2. Escolha um aluno seu com deficiência mental, caso não tenha o aluno com diagnóstico de deficiência mental em sua sala, escolha aquele que apresenta mais dificuldade no processo de aprendizagem.**
- 3. Converse com seu grupo de trabalho sobre:**
  - **quais suas maiores dificuldades para garantir o acesso ao currículo para esse aluno?**
  - **Como você vem trabalhando com ele até esse momento?**
  - **Muda as atividades? Quais? Em todas as disciplinas?**
- 5. Lembre-se de postar no o resultado desta troca de experiência no Portfólio em grupo do ambiente TelEduc.**

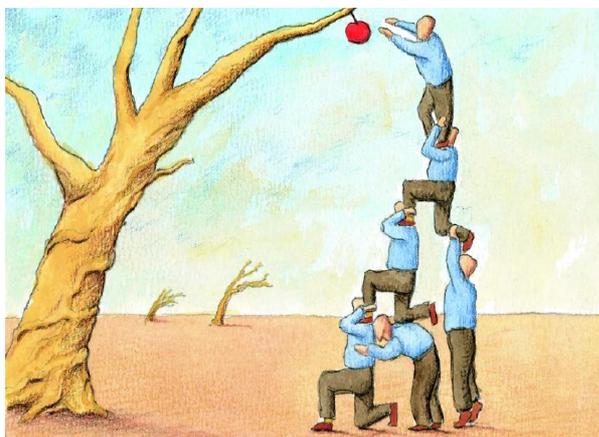
### Unidade III: Proposta de Adaptação Curricular

Adaptações curriculares, então podem ser definidas como “respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos e, dentre estes, os que apresentam necessidades educacionais especiais” (MEC/SEESP, 2000). As adaptações curriculares podem ser entendidas como estratégias das quais a escola como um todo devem fazer uso para efetivar a inclusão escolar do aluno com deficiência.

Essas estratégias podem ser divididas em dois grupos (MEC/SEESP, 2000): *adaptações curriculares de grande porte* e *adaptações curriculares de pequeno porte*.

As adaptações curriculares de grande porte são as modificações que necessitam de aprovação técnico-político-administrativa para serem colocadas em prática. Dessa forma, compreendem ações que são de responsabilidade de instâncias político-administrativas superiores, já que exigem modificações que envolvem ações de natureza política, administrativa, financeira, burocrática, entre outras. Ou seja, **estão além** da competência do professor.

**É preciso a  
colaboração da  
equipe  
educacional nas  
mais diversas  
instâncias.**



<http://www.bomconselho.com.br>

Por sua vez, as adaptações curriculares de pequeno porte envolvem modificações a serem realizadas no currículo e, portanto, são de responsabilidade do professor. Tais adaptações têm o objetivo de garantir que o aluno com deficiência produtivamente do processo de ensino e aprendizagem, na sala comum da escola regular, com outros alunos da mesma idade que ele. A implementação de tais estratégias devem ser partilhadas com outros profissionais da escola.



<http://www.faced.ufba.br>

**O trabalho em dupla é um tipo de arranjo, uma adaptação de pequeno porte, realizada pelo professor.**

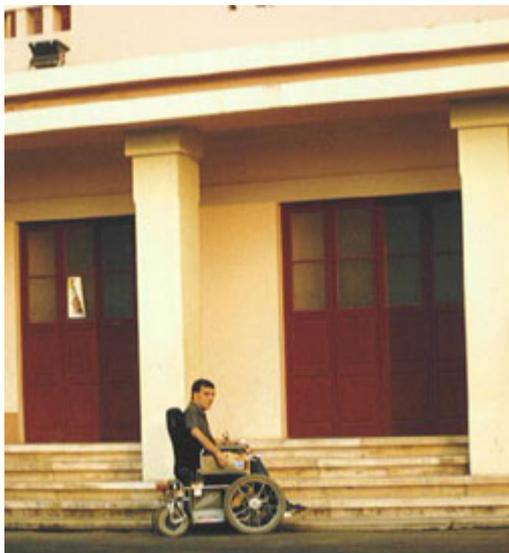
A seguir vamos detalhar estes dois tipos de adaptações curriculares.

***Professor é importante você partilhar suas dúvidas, angústias e sugestões com os outros professores e gestores da escola, pois a educação inclusiva é algo que deve ser construído em parceria e todos devem auxiliar o professor a promover as adaptações necessárias para que a Escola para Todos realmente se efetive!***



### **Adequações curriculares de grande porte**

As adaptações curriculares de grande porte são realizadas, principalmente, no nível do projeto político-pedagógico elaborado pela escola. A renovação da prática pedagógica deve ter início na elaboração de um projeto político-pedagógico, contando com a participação de gestores, professores, profissionais, funcionários, familiares e alunos, tendo por objetivo transformar a escola.



[www.euroacessibilidade.com](http://www.euroacessibilidade.com)

Sem acessibilidade



[www.acessibilidade.net](http://www.acessibilidade.net)

com acessibilidade

Segundo Freitas (2006), para que a inclusão aconteça de fato, a escola deve transformar sua estrutura organizativa, desconstruindo práticas que promovem a segregação, questionando concepções e valores de modo a abandonar atitudes que discriminam não apenas as pessoas com necessidades especiais, mas todos os alunos.

Para possibilitar a inclusão escolar do aluno com deficiência, as instâncias político-administrativas podem realizar as seguintes adaptações (MEC/SEESP, 2000):

- adaptação do espaço físico da escola;
- aquisição do mobiliário específico assim como de equipamentos e recursos materiais para atender as necessidades dos alunos;
- adaptação de materiais de uso comum em sala de aula;
- garantir a abertura para que o professor possa realizar adequações (adaptação de objetivos de ensino, dos conteúdos a serem abordados, da metodologia, da organização didática e das formas de avaliação);
- garantir a homogeneidade etária da turma;
- realizar adaptações referentes à organização didática. Uma importante ação nesse sentido é a decisão sobre o número de alunos por sala de aula. Acredita-se que 25 alunos (entre eles apenas dois alunos com deficiência) é o número máximo em cada sala de aula para que o professor consiga administrar de forma competente uma classe inclusiva;
  - realizar adaptações quanto a temporalidade, ou seja, realizar ajustes no tempo que determinado aluno permanece em uma mesma série.
  - capacitação continuada dos professores e demais profissionais responsáveis pela educação dos alunos;
  - efetivação de ações que oportunizem e incentivem a interdisciplinaridade, ou seja, que os conteúdos de uma disciplina possam ser trabalhados em outras com os seus devidos ajustes, como também a transsetorialidade, ou seja a realização de parcerias de serviço distintos para a

promoção da aprendizagem – como por exemplo o apoio do serviço da saúde para diagnósticos e/ou intervenções. Entre essas ações está a definição sistemática do trabalho entre professor de educação especial e professor regular (ensino colaborativo ou co-ensino) e também da parceria entre o professor e os profissionais responsáveis pela educação (consultoria colaborativa).

### **Adequações curriculares de pequeno porte**

As adaptações curriculares de pequeno porte podem ser realizadas em dois níveis: no nível coletivo (sala de aula), por meio do planejamento e implementação do currículo da classe, e no nível individual, por meio do **programa educacional individualizado (PEI)**.



[www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br)

No que diz respeito ao nível coletivo, serão apresentadas algumas estratégias que podem ser utilizadas para a inclusão do aluno com deficiência mental no ensino regular (BLANCO, 2004):

- fazer uso de estratégias metodológicas diversificadas que permitam o ajuste da maneira como cada conteúdo será transmitido aos diferentes estilos de aprendizagem apresentados pelos alunos, já que cada aluno aprende de modo particular e com um ritmo próprio;
- colocar em prática a cooperação durante a realização das atividades propostas, pois os alunos aprendem não apenas com o professor, mas também com seus colegas. A cooperação influencia positivamente o rendimento acadêmico, a auto-estima, as relações sociais assim como o desenvolvimento pessoal. Além disso, ao facilitar o trabalho autônomo dos alunos, permite que o professor consiga momentos para fornecer mais atenção aos que dela necessitam;
- oferecer atividades que possibilitem que diferentes graus de complexidade assim como conteúdos distintos sejam trabalhados, tais como, atividades com graus de dificuldade diferentes que possam ser executadas de maneiras diversas; uma mesma atividade para trabalhar conteúdos com níveis diferentes de dificuldades; uso do mesmo conteúdo pode ser trabalhado por meio de várias atividades; uso de atividades diversas (oficinas, projetos, entre outros);
- dar aos alunos a oportunidade de tomar decisões sobre o planejamento do trabalho acadêmico, apresentando algumas atividades e

maneiras como tais atividades podem ser realizadas e deixando que os alunos escolham entre as opções apresentadas;

- avaliar a quantidade e a qualidade de apoio que cada aluno necessita e retirar, gradualmente, tal apoio a medida que os alunos caminham na direção de alcançar um nível de aprendizagem suficiente;
- explorar a utilização de diversos materiais durante a realização das atividades propostas;
- agrupar os alunos utilizando critérios variados, de acordo com a atividade a ser realizada, de modo a possibilitar a emissão de respostas diferentes de acordo com o objetivo a ser atingido, com o tipo de conteúdo abordado e com as características e os interesses dos alunos. É importante destacar que os alunos com maior dificuldade para realizar determinada tarefa deve ser integrado em grupos que respondam às suas necessidades;
- elaborar formas de avaliação adaptadas às necessidades e particularidades de cada aluno;
- realizar arranjos na sala de aula de modo que o espaço fique agradável aos alunos e ao professor, que a autonomia e a mobilidade seja facilitada, e que seja possível a adaptação da sala aos diferentes tipos de atividades e agrupamentos. Alunos com maiores dificuldades devem ocupar lugares nos quais seja mais fácil o acesso à informação e a comunicação e o relacionamento com os colegas e com o professor;
- organizar a rotina da classe considerando o tipo de metodologia, atividades que serão realizadas e o apoio que determinados alunos podem necessitar;
- valorizar as diferenças existentes entre os alunos, criando um ambiente de respeito às limitações e virtudes do outro e no qual exista comunicação. Para tanto, atividades podem ser realizadas com o objetivo de aumentar a união entre os alunos.

Auto-avaliação dos ensaios e do espetáculo Depois da Arca...			
Durante os ensaios:			
- estive atento	X		
- não fiz bagunça		X	
- participei com interesse	X		
- colaborei no que pude			X
No dia do espetáculo:			
- fiz silêncio			X
- ajudei os colegas	X		
- obedeci minha professora		X	
- gostei de participar e de dançar	X		

<http://www.scielo.br/img/>

**Saber o que fazer,  
como fazer e  
como o aluno se  
sente...  
Estratégias que  
motivam a aula.**

Também é possível elencar como uma estratégia que deve ser implementada, o planejamento de aulas motivadoras, atrativas e cativantes. Para tanto, é necessário além de levantar os interesses dos alunos e criar novos interesses, ou seja, motivar os alunos a aprenderem coisas novas, apresentando sentido e significado para essas aprendizagens.

Em relação à importância de levantar os interesses dos alunos, Iverson (1999) explica que tal levantamento aumenta o envolvimento desses alunos e a compreensão quanto ao conteúdo tratado. Além disso, quando o planejamento de ensino desconsidera as fontes de interesse, há aumento em relação à emissão de comportamentos disruptivos. No entanto, a autora destaca que, como planejar aulas que atendam aos interesses de todos os alunos é uma tarefa muito difícil, o ideal é atentar para os interesses dos alunos com deficiência, já que a dificuldade de envolvimento nas atividades propostas é maior para esses alunos.

É importante lembrar, que o uso dessas estratégias irá beneficiar a sala de aula como um todo assim como o professor que terá a oportunidade de aperfeiçoar a sua prática. No entanto, a prática de tais estratégias irá depender da criatividade e motivação do professor e devem sempre considerar as necessidades, potencialidade e interesses de cada aluno.

Em vista disso, além da implementação de adaptações no currículo da sala de aula, é necessário que adequações sejam feitas individualmente, com o desenvolvimento de um programa educacional individualizado.

Segundo McLoughlin e Lewis (2001), a elaboração do PEI deve ser baseada na avaliação das habilidades e necessidades do aluno e em informações adicionais necessárias, que irão constituir-se como subsídio para a definição de objetivos a serem alcançados em curto, médio e longo prazo, para a seleção de serviços apropriados a serem oferecidos para o aluno assim como mudanças curriculares e, por fim, para o planejamento de forma que garantam a avaliação do próprio programa.

O programa educacional individualizado deve conter as seguintes informações (MCLOUGHLIN e LEWIS, 2001): níveis de desempenho educacional atual do aluno; objetivos a serem alcançados expostos de maneira mensurável; indicações de apoio de serviços especiais, se necessários; indicação das estratégias de adaptações curriculares a serem implementadas; modificações a serem realizadas no processo de avaliação do aluno assim como indicação de como o próprio programa será avaliado e com que periodicidade isso irá acontecer.

No que diz respeito às estratégias de adaptações curriculares, elas podem ser implementadas por meio de ações que oportunize o acesso do aluno ao currículo, nos objetivos de ensino, no conteúdo a serem abordados, no método de ensino, no processo de avaliação e na temporalidade.

### **Adaptações para garantir o acesso ao currículo**

Quanto às adequações realizadas com o objetivo de assegurar o acesso ao currículo, podemos citar (MEC/SEESP, 2000):

- favorecer a participação do aluno durante a realização das atividades escolares propostas;
- levantar a necessidade de equipamentos e recursos necessários para o aluno e solicitar, junto à direção da escola, a aquisição dos mesmos;
- adaptar materiais de uso comum em sala de aula;
- adotar sistemas alternativos de comunicação, para os alunos que apresentam dificuldade ou impossibilidade de se comunicar oralmente;

**Promover  
acesso ao  
currículo é  
dar  
oportunidade.**



[www.acessibilidade.net](http://www.acessibilidade.net)

Ainda em relação a tais adequações, existem algumas ações que podem ser colocadas em prática para atender especificamente às necessidades do aluno com deficiência mental.

Nesse caso, primeiramente devemos considerar que o processo de apropriar o conhecimento tem como base os conhecimentos que o aluno já possui, ou seja, conhecimentos adquiridos de modo informal e, também, por processos formais anteriores de ensino e aprendizagem. Tais conhecimentos devem ser identificados pelo professor e utilizados como ponto de partida para a ampliação dos conceitos já adquiridos e a aquisição de novos conceitos (MEC/SEESP, 2000).

Além disso, outras providências mais específicas podem ser tomadas (MEC/SEESP, 2000):

- colocar o aluno em uma posição que lhe permita obter facilmente a atenção do professor;
- estimular o desenvolvimento de habilidades de comunicação interpessoal;
- identificar e oferecer o apoio de que a criança necessita. Em relação a esse aspecto, Sá (2006) esclarece que o apoio pode ser caracterizado em termos de intensidade, sendo classificado em intermitente (quando se dá em momentos de crises e em situações específicas de aprendizagem); limitado (reforço pedagógico para algum conteúdo abordado); extensivo (sala de recursos ou de apoio pedagógico, atendimento complementar ao da classe regular realizado por professores especializados); pervasivo (alta intensidade, longa duração ou ao longo da vida para alunos com deficiências múltiplas ou agravantes, envolvendo equipes e muitos ambientes de atendimento);
  - estimular o desenvolvimento de habilidades de autocuidado;
  - estimular a atenção do aluno para as atividades escolares propostas;
  - ensinar o aluno a pedir informações e solicitar ajuda, estimulando, com isso, a sua autonomia.

### **Adaptação de objetivos**



<http://bardo.castelodotempo.com>

**Objetivos são os caminhos cuidadosamente traçados para alcançar as metas.**

O professor pode realizar ajustes em relação aos objetivos pedagógicos presentes em seu planejamento de ensino e também definindo os

objetivos que devem fazer parte do PEI, de acordo com as especificidades apresentadas pelo aluno com deficiência.

Dessa forma, o professor pode priorizar determinados objetivos para um aluno, investir mais tempo, e/ou utilizar maior variedade de estratégias pedagógicas para alcançar determinados objetivos, em detrimento de outros, menos necessários. Em relação aos alunos com deficiência mental, os professores podem acrescentar objetivos complementares aos objetivos definidos para a classe (MEC/SEESP, 2000).

A escolha dos objetivos que são mais ou menos prioritários deve ser realizada pelo professor em conjunto com os profissionais responsáveis pela educação dos alunos em um processo de consultoria colaborativa e também com os familiares do aluno.

### **Adaptação de conteúdos**

A partir da adaptação dos objetivos, segue-se a adaptação de conteúdos, que envolve a priorização de áreas ou unidades de conteúdos, a reformulação da seqüência de conteúdos, ou seja, da ordem com que cada conteúdo é abordado, ou ainda, a eliminação de conteúdos secundários (MEC/SEESP, 2000).

### **Adaptação do método de ensino e da organização didática**

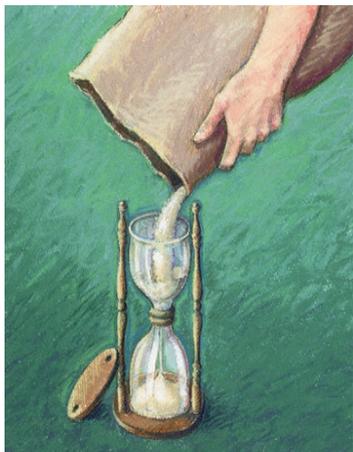
Envolvem adaptações na maneira como os conteúdos são abordados. Alunos com deficiência mental podem se beneficiar com a apresentação de atividades alternativas e também com atividades complementares. Considerando que alunos com deficiência mental apresentam dificuldade na capacidade de abstração, uma importante adaptação metodológica a ser realizada é a utilização de materiais concretos e também planejar atividades variadas para abordar um mesmo conteúdo. Em relação à dificuldade de concentração também apresentada por esses alunos, é possível fazer uso de jogos como parte das atividades planejadas para abordar determinado conteúdo (MEC/SEESP, 2000).

### **Adaptação do processo de avaliação**

**Pode ser realizada tanto por meio de modificações de técnicas de avaliação como também dos instrumentos utilizados para realizá-la.**



## Adaptação na temporalidade



**Às vezes o aluno precisa de um pouco mais de tempo para aprender...**

<http://economiafinancas.com>

Refere-se aos ajustes realizados quanto ao tempo (aumento ou diminuição) previsto para a aprendizagem de determinado conteúdo. No caso de alunos com deficiência mental, nas atividades que envolvem abstração deve ser gasto um tempo maior do que o previsto para os demais alunos.

É importante ressaltar, que tanto o planejamento de sala de aula como o PEI, são documentos flexíveis e que devem estar em constante processo de reformulação, de acordo com os resultados alcançados durante a aplicação dos mesmos.

Diante deste cenário, como, então, garantir o êxito de uma educação inclusiva? A atenção às necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência, que estão inseridos em classes comuns do ensino regular, requer uma organização diferenciada, tanto do ponto de vista pedagógico quanto administrativo. Alguns procedimentos diferenciados precisam ser garantidos para receber e manter, com qualidade educacional, todos os alunos na escola. O êxito da educação inclusiva dependerá, em grande medida, da oferta de uma rede de apoio à escola, através do trabalho de orientação, assessoria e acompanhamento do processo de inclusão (OLIVEIRA e LEITE, 2007).

## Unidade IV: Considerações sobre o processo educacional do aluno com deficiência mental



**Professores, isso é muito importante e muito sério! Vamos ficar atentos!!!!**

### **É preciso quebrar mitos, em relação ao aluno com deficiência mental:**

- Que ele não aprende – é preciso não se ater necessariamente ao resultado final (ao produto da aprendizagem) e sim ao processo de aprendizagem e aos seus possíveis ganhos;
- Que o ensino tem que ser completamente diferente;
- Que ele não consegue realizar atividades que envolvam abstração;
- Que ele sempre deve estar com um grupo que apresenta dificuldades – ou seja não formar grupos à parte (dos “mais fracos”).

### **É necessário que a escola promova:**

- Mudança no ensino, pois no modelo vigente a culpa recai muitas vezes somente sobre o aluno ou na falta de recursos;
- Grupos não homogêneos de alunos;
- Estratégias pedagógicas diferenciadas;
- A deficiência mental não é o ideal da escola
- Condições para que a escola seja mais do que um local de socialização;
- Ações para sensibilizar o grupo às diferenças (individuais e grupais);
- Ações que valorizem o reconhecimento de suas capacidades e não suas limitações;
- Atividades que não se restrinjam ao concreto, é necessário possibilitar abstrações;
- Atividades que produzam significado para o aluno, e não a repetição constante sem sentido;
- Ações que levem o aluno sair de uma posição passiva e automática;
- Ações que propiciem a apropriação do conhecimento – do prático ao simbólico;
- Situações de aprendizagem para o aluno, dando liberdade de escolha e participação.
- Situações de trabalho com os estereótipos que influenciam a constituição do auto-conceito do deficiente, ou seja, a questão da diferença.



**Por fim, lembre-se professor que é preciso entender que você:**

- não dá conta de tudo sozinho – é necessário o respaldo de orientadores e especialistas;
- que é preciso trocar experiências, pois o novo trás insegurança
- que a educação inclusiva é um processo lento e árduo, porém justo para que todos aprendam!



<http://www.ajudarbrincando.com.br>



Selecionamos uma parte do vídeo da Escola Viva – garantindo o acesso e a permanência de todos os alunos na escola (2000), que é um material produzido pela Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP em cooperação com a SORRI, FNDE e Unicef, para que você possa recordar o que a gente procurou trabalhar até aqui.

**Atenção vídeo disponível no item “Material de apoio” do ambiente TelEduc.**



### **Atividade**

Chegamos na nossa última atividade .... Agora é o momento de realizar, na prática, o que aprendeu sobre as adaptações curriculares.

Leia a atividade até o final para perceber que tentamos organizá-la para você. **Bom, vamos lá!**

### Atividade Prática

Para desenvolver a atividade prática será preciso selecionar um aluno com deficiência mental que esteja incluído na rede regular de ensino, esse aluno deve estar matriculado em uma outra sala, para que você possa compartilhar a experiência de trabalho conjunto com outro professor. Realize algumas observações (no mínimo dois dias) desse aluno em sala de aula. Durante as observações, tente estabelecer uma relação amigável com a professora, o aluno selecionado e também com o restante da classe. Realize essas observações em um dia específico da semana (por exemplo, segunda-feira) e fique atento para a rotina de sala de aula. Para organizar as informações que você levantou até agora, preencha a tabela abaixo (tabela com exemplo):

<b>Informações sobre o aluno</b>		
Idade: 9 anos		
Série: 3ª série do ensino fundamental		
Sexo:	feminino (..)	masculino (.X.)
<b>Informações gerais</b>		
Segunda-feira (..)      Terça-feira (.X.)      Quarta-feira (..) Quinta-feira (..)      Sexta-feira (..)		
Descreva a rotina da sala de aula de maneira esquemática:		
Atividades relacionadas com o conteúdo de Matemática		
Aula de educação física		
Recreio		
Atividades relacionadas com o conteúdo de Português		
Horário reservado para atividades livres		

Agora que você já tem informações sobre a organização da sala de aula, tente identificar as principais dificuldades que o aluno encontra para participar das aulas. Converse com o professor responsável pela sala e peça para ele relatar a percepção dele sobre tais dificuldades. Para ajudar você nessa tarefa, preparamos uma ficha que deve ser preenchida.

<b>Percepção do observador</b>	
Dificuldades que o aluno encontra para participar da aula:	
•	•
•	•
•	•
•	•
•	•
<b>Percepção do professor</b>	
Você acha que o aluno encontra alguma dificuldade para participar das atividades propostas? Sim ( ) Não ( )	
Se sim, quais são essas dificuldades?	
Você encontra alguma dificuldade para planejar aulas nas quais o aluno possa participar? Sim (..) Não (..)	
Se sim, quais são essas dificuldades?	
Você utiliza algum tipo de estratégia para facilitar a participação do aluno nas aulas? Sim (..) Não (..)	

Se sim, quais estratégias você utiliza?
---

Com as duas fichas preenchidas, planeje uma proposta de adaptação curricular para ser realizada em sala de aula. Para organizar melhor o seu planejamento, utilize as fichas abaixo:

Adaptação curricular	Ações necessárias para implementar a adaptação	Materiais necessários
•	•	•
•	•	•
•	•	•
•	•	•
•	•	•

Escolha duas adaptações e preencha o quadro, em que se refere às duas adaptações. Lembre-se é pode ser de vários tipos. Procuramos colocar as quatro mais comuns (estão em negrito). Marque com X ao que elas se referem:

Adaptação realizada	<b>Conteúdo</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Estratégia</b>	<b>Avaliação</b>
Adaptação 1				
Adaptação 2				

Apresente as fichas preenchidas para o professor responsável pela sala e peça para ele fornecer sugestões. Converse com o professor e veja a proposta pedagógica da classe, o plano de ensino, pois para fazer a adaptação o importante é você pegar a proposta de um objetivo educacional e adaptá-lo em função da necessidade do seu aluno.

Por exemplo: o aluno em questão está estudando na 2ª. Série – ou segundo ano do 1º ciclo.

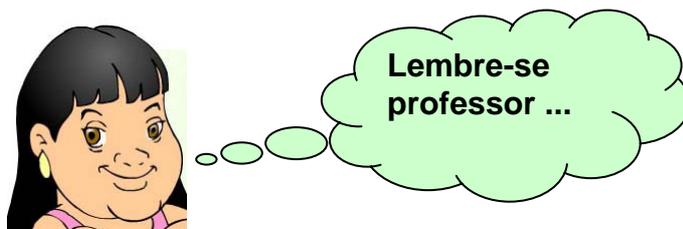
Um dos objetivos curriculares na língua portuguesa da série é:

- identificar e nomear a tipologia textual, descrevendo características de pelo menos três tipos de textos.

O aluno que você está observando encontra-se no início do processo de leitura. Então você poderá adaptar este objetivo para:

- reconhecer e diferenciar texto informativo (jornalístico) dos demais.

Para essa atividade, mesmo que ainda ele não domine a leitura será capaz de perceber diferenças na grafia e tipologia textual.



.... que **tais adaptações** devem ser planejadas para serem desenvolvidas no dia em que você estiver presente na sala de aula que esse

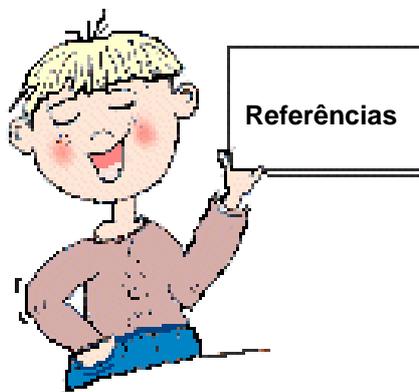
aluno freqüente, para você poder observar e auxiliar na realização da adaptação curricular proposta, podendo avaliar a efetivação de uma proposta de ajuste curricular. Então escolha as duas adaptações que considera que sejam viáveis para serem feitas neste momento. **E BOM TRABALHO!!!!**

Coloque em prática as adaptações planejadas, preenchendo o seguinte relatório:

Data:

Faça algumas observações sobre como foi, nesse dia, a realização das adaptações planejadas

**Não esqueça de colocar no Portfólio individual uma narrativa contando a experiência realizadas com todos os documentos que utilizou!!!**



ARANHA, M.S.F. **Formando Educadores para a Escola Inclusiva**. 2002. disponível em: [www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/feei/teimp.htm) - acesso em 20 de abril 2007.

ARANHA, M.S.F. **Referenciais para construção de sistemas educacionais inclusivos – a fundamentação filosófica – a história – a formalização**. Versão preliminar. Brasília: MEC/SEESP, nov. 2003.

BLANCO, R. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J.A. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

BRASIL, **Avaliação para a identificação das necessidades educacionais especiais**. Secretaria de Ed. Especial. Brasília: MEC/ SEESP, 2002

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial –MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nova LDB** (Lei n. 9.394). Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1997.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CBE 2/2001**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001 – Seção 1E, p. 39-40.

CORREIA, L. M. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares**. Porto: Porto Editora, 1999.

FREITAS, S. N. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In: RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

GÓES, M.C.R. de; LAPLANE, A.L.F. da. **Políticas e práticas de educação inclusiva**. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

IVERSON, A. M.; Estratégias para o manejo de uma sala de aula inclusiva. In: Stainback, S.; Stainback, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Tradução de Lopes, M.F. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEITE, L. P. **A intervenção reflexiva como instrumento de formação continuada do educador: um estudo em classe especial.** 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

LEITE, L.P.; MARTINS, S.E.S.O. **Repensando a avaliação educacional.** In: Leite e Zanata (orgs) **Cadernos do CECEMCA**, Faculdade de Ciências, Unesp/Bauru, 2005.

MANTOAN, M.T.E. Abrindo as Escolas às Diferenças. In: MANTOAN, M.T.E. (org.) **Pensando e Fazendo Educação de Qualidade.** São Paulo: Moderna, 2001. (Educação em pauta – Escola & Democracia) 109-128

MCLOUGHLIN, J. A.; LEWIS, R.B. **Assessing students with special needs.** New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC/SEESP. **Projeto escola viva.** Adaptações Curriculares de Grande Porte e Adaptações Curriculares de Pequeno Porte. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2000.

OLIVEIRA, A.A.S.; LEITE, L.P. Construção de um sistema educacional inclusivo: um desafio político-pedagógico. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** Vol. 15, fascículo 57, Cesgranrio/RJ, 2007.

PIETRO, R.G. Políticas públicas de inclusão: compromissos do poder público, da escola e dos professores. **Revista de Educação**, Apeoesp, n.º 16, mar./2003.

PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SÁ, E. D. **Verbete adaptações curriculares.** Disponível em [www.acessibilidade.net](http://www.acessibilidade.net)>. Acesso em: 15 de agosto de 2007.

SASSAKI, R. **A educação inclusiva e os obstáculos a serem transpostos.** Entrevista concedida ao JORNAL dos professores, órgão do Centro do Professorado Paulista, no. 343, fevereiro, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.